



UM ESTUDO SOBRE AS FUNÇÕES DE EXPRESSÕES GRAMATICALIZADAS (A STUDY ABOUT THE FUNCTIONS OF GRAMMATICALIZED EXPRESSIONS)

Sebastião Expedito IGNÁCIO (UNESP/CNPq)

ABSTRACT: In this paper we discuss the functions of expressions that undergo grammaticalization, traditionally called conjunctive locutions. We try to demonstrate in its several uses the relational valence, the grammaticalization degrees and its discursive function for the loss of the syntactic function as connective.

KEY-WORDS: connective expression, grammaticalization, relational valence, discursive function.

1. Introdução

Este artigo apresenta um estudo das expressões gramaticalizadas tradicionalmente denominadas “locuções conjuntivas”, chamadas aqui “expressões conectivas”. Foram selecionadas as expressões que, tendo por núcleo um nome ou um advérbio, compõem o esquema genérico [prep + nome/advérbio + QUE/prep]: *à medida que* e suas variantes, *a menos que*, *ao passo que*, *de modo que/a*, *de sorte que*. Tais expressões funcionam basicamente como conectivos subordinativos segundo o esquema [Oração Principal + EXPRESSÃO + Oração Subordinada], podendo também conectar orações coordenadas. O ponto de partida para a identificação dessas unidades se relaciona com o que Lyons (1979) chama de **esquemas** ou **expressões**, não estruturados gramaticalmente ou apenas parcialmente estruturados, e que podem combinar-se em frases, de acordo com regras produtivas. A distinção entre os esquemas apresentados por Lyons e os aqui estudados é que não nos preocupa apenas a unidade em sua constituição morfossintática, mas sobretudo a sua função como conectivo, com destaque para as relações semânticas e funções discursivas. Propomos ainda um estudo dos graus de gramaticalização e das **valências relacionais**, bem como da função discursiva.

Diz-se que tais estruturas sofreram gramaticalização porque o núcleo lexical, perdendo a sua função primitiva e, associando-se aos elementos gramaticais a que se liga, assume a função de instrumento gramatical. Esse fenômeno foi definido por Hopper & Traugott (1993) como “o processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em determinados contextos lingüísticos, a servir a funções gramaticais” (*apud* Neves, 1997:113). Acrescente-se, ainda, que o conjunto de elementos passa a ter uma função global, virtualmente comutável com um conectivo simples (conjunção). Assim, por exemplo, *na medida em que* e *ao passo que* podem equivaler a *enquanto* ou a outra conjunção de acordo com a relação semântica que estabelecem. Esse critério da comutação justifica, teoricamente, o fenômeno da gramaticalização.

Considera-se, aqui, como fato consumado, serem as unidades objetos de estudo expressões **gramaticalizadas**, por isso não se objetiva um estudo do fenômeno de como tais esquemas se gramaticalizaram diacronicamente. No entanto, recorre-se aos estudos de autores que tratam da gramaticalização tais como; Hopper & Traugott (1993); Bybee



(1994); Castilho (1997); Neves (1997), Neves & Braga (1998), procurando-se demonstrar alguns “graus de gramaticalização” apresentados por determinados esquemas, bem como as funções particulares de marcadores discursivos.

2. Valência¹ relacional

A constituição morfossintática dos esquemas gramaticalizados condiciona a tipologia das estruturas oracionais que, com eles, formam as frases complexas ou os agrupamentos de orações coordenadas. Esse condicionamento, a que se pode chamar de **valência relacional**, consiste na exigência do preenchimento das “casas vazias” que envolvem os esquemas, segundo uma relação de dependência sintática e/ou semântica. A dependência semântica se evidencia nas frases complexas (oração matriz + oração encaixada², ou oração principal + oração subordinada, na nomenclatura tradicional). Ex.:

(1) *São Paulo cresce à medida que os nordestinos constroem a sua grandeza.*

O esquema *à medida que* relaciona, no exemplo acima, uma oração subordinada com o traço semântico de **proporcionalidade** a uma oração principal com o traço de **conseqüência**.

Nos agrupamentos de duas orações coordenadas pode haver uma relação semântica como traço valencial do esquema, fenômeno que Othon Garcia (1975) chamou de “falsa coordenação” e que, na verdade, se trata de independência sintática com dependência semântica. Ex.:

(2) *São Paulo cresceu ao passo que o Rio se estabilizou.*

O esquema *ao passo que* estabelece, aí, uma relação de oposição entre a segunda e a primeira oração.

Acrescente-se ainda que, dependendo do valor relacional e/ou de sua constituição estrutural, uma mesma expressão condiciona o modo/tempo ou forma verbal da oração seguinte. Sejam, por exemplo, as expressões *de modo a* e *de modo que*. A primeira condiciona a forma infinitiva do verbo da oração encaixada, enquanto a segunda condiciona a forma finita. Ex.:

(3) *Incluem-se nessas medidas a introdução de novas regras de modo a tornar os balanços mais transparentes e mais fiéis.* (FSP)³

¹ Guardadas as devidas diferenças, emprega-se aqui o termo “valência” no mesmo sentido em que Tesnière (1966), Vilela (1984) e Borba (1996) o empregaram em relação aos itens lexicais.

² Consideram-se *orações encaixadas* as orações subordinadas substantivas (argumentais), as adverbiais (satélites) e as adjetivas restritivas. (q.v. Dik, 1997)

³ As abreviaturas entre parênteses são convencionais e se reportam às obras de onde se extraíram os exemplos.



(4) *Quero vir sem obrigações, de modo que tenha tempo de gozar da intimidade acolhedora dessa casa.* (AM)

3. Graus de gramaticalização

Propõem-se aqui dois critérios para a determinação dos graus de gramaticalização das expressões conectivas: um com base na evolução semântica e outro com base nas relações sintáticas.

3.1. Critério da evolução semântica

Uma das características da gramaticalização é a perda do significado primitivo do item lexical gramaticalizado. Todavia, na maioria das expressões em estudo, podemos detectar, um significado que se aproxima daquele que é próprio do item lexical que constitui o núcleo da expressão. Assim as expressões *à medida que*, *na medida em que* e suas variantes, conservam, em princípio, o significado do termo *medida*, indicando **proporção**. Considere-se, então, que, nesse caso, o grau de gramaticalização seja 1⁴. Ex.:

(5) *Larissa se encolerizava mais, à medida que falava.* (LC)

(6) *As torres da catedral vão se erguendo na medida em que avançamos por esse longo chão oceano.* (B)

(7) *Vai empalidecendo à medida em que lê.* (FAN)

Quando, porém, a relação semântica estabelecida é diversa do significado primitivo do núcleo nominal da expressão, o grau de gramaticalização é mais elevado. Ex.:

(8) *A realidade só interessa à medida que a realidade contém o imaginário.*(FSP)

(9) *Dizer "voz abafada" faria sentido, à medida que é provável que muitos eleitores queiram de fato reeleger FHC, sem ter expressado esse desejo.* (FSP)

(10) *Suas conclusões devem ser aceitas com alguma cautela, na medida que a ditadura da exatidão numérica sempre esconde graus variados de irracionalismo.* (FSP)

(11) *Acho o festival interessante, à medida em que se pode mostrar o trabalho da gente.* (CB)

(12) *Na medida que o governo reconhece os desaparecidos como mortos, como vai justificar a discriminação com os mortos sob tortura por agentes públicos?* (FSP)

Note-se que, nos exemplos acima, o valor semântico das expressões se distancia do significado de proporcionalidade: **condicional**, em (08); **causal**, em (9); **causal/explicativo**, em (10); **causal**, em (11); **condicional**, em (12).

⁴ Note-se que não se pretende quantificar essa gradação a partir do que consideramos grau 1, já que em qualquer tentativa nesse sentido não se avançaria além das hipóteses.



Essa gradação não ocorre com a expressão **a menos que**, pois o significado primitivo do item **menos** se perdeu totalmente no emprego da expressão gramaticalizada, que estabelece uma relação de **condição**. Ex.:

(13) *Madruga viu Eulália levantar-se, ameaçava abandonar a sala, a menos que se retratasse.* (REP)

Ocorre variação com **de modo a** e **de modo que**. A primeira, condicionando oração infinitiva, normalmente conserva o valor semântico do núcleo **modo** (“maneira de proceder”). Já a segunda apresenta variações semânticas que se caracterizam como um grau maior de gramaticalização. Ex.:

(14) *A medida visa promover maior rodízio entre os membros do júri, de modo a não prejudicá-los profissionalmente.* (FSP)

(15) *O livro é organizado de modo a evidenciar as relações do cinema com outras áreas da produção cultural e da atividade humana.* (FSP)

(16) *Depois virou-se para mim, de modo que o Lúcio escutasse.* (ACM)

(17) *Escuta Miraglia: eu não trabalhei no seu caso, de modo que, para mim, ali tem ainda muita coisa mal explicada.* (AFA)

Tem-se aqui: **maneira de ser (modo)** em (14) e (15), logo menor grau de gramaticalização; **finalidade/conseqüência** em (16) e **conclusão** em (17), portanto maior grau de gramaticalização nos dois últimos casos.

A expressão **de sorte que**, que concorre com **de modo que**, apresenta também valores semânticos diversos, todavia é impossível detectar qualquer relação com o significado do núcleo **sorte**. Podemos dizer, então, que, do ponto de vista semântico, se trata de uma expressão altamente gramaticalizada em todos os seus empregos. Ex.:

(18) *Então, o naturalista segurou-a firmemente, bem na direção do sol, de sorte que seus olhos pudessem se encher de luz.* (FSP) [**modo**]

(19) *O esforço que a Receita Federal tem de realizar é o de fazer observar a lei tributária na sua plenitude, de sorte que todos paguem o imposto devido, sem exceções.* (FSP) [**finalidade/conseqüência**]

(20) *Nossa solidariedade é com todas as Américas, de sorte que um país não pode ser socorrido enquanto o outro continua sendo sufocado* (FSP) [**conclusão**]

3.2. Critério sintático

O segundo critério inspira-se no “grau de integralização” entre as orações citado por Neves & Braga (1998: 197), lembrando Hopper & Traugott (1993): “quanto mais integradas as orações, mais avançado o processo de gramaticalização”. Transferindo essa noção para as expressões conectivas, pode-se dizer que uma mesma expressão apresentará maior grau de gramaticalização ao estabelecer relação de subordinação do que ao estabelecer relação de coordenação. Seja a expressão **ao passo que** nos exemplos abaixo. O



primeiro, (21), de valor **causal**, é mais fortemente gramaticalizado que o segundo, (22), de valor **opositivo**, estabelecendo uma relação de coordenação.

(21) *O poema "O Colombo" do Pessoa de "Mensagem" (...) é já uma superação de toda inferioridade **ao passo que** propõe uma transcendência da mágoa.* (FSP)

(22) *Os músicos parecem bloqueados a vôos especulativos, **ao passo que** os filósofos se embaraçam diante da arte dos sons.* (FSP)

Igualmente a expressão **de modo que**, estabelecendo uma relação de **causa e efeito**, em (23), apresenta maior grau de gramaticalização do que em (24), em que estabelece uma relação de coordenação, funcionando como um operador **conclusivo**:

(23) *Quero vir sem obrigações, **de modo que** tenha tempo de gozar da intimidade acolhedora desta casa* (AM)

(24) *Aqui, uma pessoa perguntava e a outra respondia, **de modo que** aquele que respondia tinha que defender uma opinião.* (CET)

4. Discursivização

Segundo Castilho (1997), "a discursivização é o uso discursivamente relevante de itens lexicais". Esse fenômeno seria conseqüente da **desgramaticalização** – perda das propriedades gramaticais, passando o item a constituir-se numa categoria discursiva. Lembra, como exemplos, o delocutivo *falou?* e os Marcadores Conversacionais como *tá? sabe? entende? compreende? viu? né?* (idem: 56-57). Assim, esses itens **desgramaticalizados** adquirem uma função eminentemente fática, própria do discurso. Da mesma forma que os itens exemplificados por Castilho, vemos as expressões conectivas. Ex.:

(25) **De modo que** se eu for a Brasília conseguirei o empréstimo? (JT)

(26) **De sorte que** uma simples folha oriunda de cultivo sob ausência de N em nada se compara a estas, enormes, crassas e duras. (TF)

Ressalte-se que o processo da desgramaticalização, ou discursivização, não pressupõe uma **regressão**, já que, como afirmam Hopper-Traugott (*op. cit.*), o processo da gramaticalização é irreversível. O que ocorre na discursivização pode ser visto, ao contrário, como uma **evolução** da linguagem, dada a criatividade do falante que, na dimensão pragmática, passa a empregar estruturas fixas, previstas pelo sistema, como formas discursivas.

5. Conclusões

As expressões gramaticalizadas que funcionam como conectivos oracionais apresentam propriedades sintático-semânticas e pragmáticas dignas de nota:



1. À semelhança dos itens lexicais valenciais, condicionam o tipo de orações que conectam, seja com relação à estrutura morfossintática, seja com relação ao valor semântico.

2. Apresentam graus de gramaticalização que se podem detectar sob o ponto de vista semântico – apresenta maior grau de gramaticalização a expressão cujo significado se distancia do significado primitivo do item lexical que constitui o seu núcleo – e do ponto de vista sintático – apresenta maior grau de gramaticalização a expressão que estabelece maior grau de integração (dependência sintática) entre as orações.

3. Perdendo a sua função essencialmente gramatical, ou seja, a de conectivo, passam a operadores de discurso, adquirindo como que uma função fática.

RESUMO: Discutem-se neste artigo as funções das expressões que sofreram gramaticalização, tradicionalmente chamadas locuções conjuntivas, e procura-se demonstrar, nos seus vários empregos, a valência relacional, os graus de gramaticalização e a função discursiva pela perda da função sintática como conectivo.

PALAVRAS-CHAVE: expressão conectiva, gramaticalização, valência relacional, função discursiva,

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORBA, F. S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- BYBEE, J. *et alii*. "The Evolution of Grammar. Tense, Aspect and Modality". **In: The Languages of the world**. Chicago and London: The University Chicago Press, 1994.
- CASTILHO, A. T. "A gramaticalização". **In: Estudos Lingüísticos e Literários** 19:25-64. São Paulo: USP. 1997
- DIK, C. S. *The theory of Functionel grammar*. Part 2: Complex and Derived Constructions. Ed. By Kess Hengeveld. Berlim; New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 3. ed., Rio de Janeiro: FGV, 1975.
- HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LYONS, J. *Introdução à lingüística teórica*. Trad. Rosa Virgínia Matos e Silva & Hélio Pimentel. São Paulo: Nacional, 1979.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, M. H. M. & BRAGA, M. L. Hipotaxe e Gramaticalização: Uma Análise das Construções de Tempo e de Condição. São Paulo: *D.E.L.T.A.* 14: 191-208.
- TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. 2. ed., Paris, Klincksieck, 1966.
- VILELA, M. *Gramática de valências: teoria e aplicação*. Coimbra: Almedina, 1984.